

Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 15 – Sal da terra e luz do mundo

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/



As Bem Aventuranças

O sermão do monte é envolvido por interpretações polêmicas há séculos e essas polêmicas iniciam na abertura do sermão do monte: as bem-aventuranças. Afinal, as bem-aventuranças são uma lista de itens morais que precisamos cumprir para sermos bem aventurados? Ou são uma maneira de Deus abençoar pessoas que sofrem por que são pobres de espírito, por que são perseguidos? Afinal, o que significa esta fenomenal abertura do sermão do monte e como podemos ouvir esse sermão desde o início atentando para seu real significado?

A primeira coisa que precisamos ter em mente é que esse bloco de ensino, embora pregado diante das multidões, não é endereçado a elas. O contexto anterior no qual o narrador nos conta que haviam discípulos seguindo a Jesus (Mt 4.18-22) e de que haviam multidões seguindo a Jesus (Mt 4.23-25) na verdade ilustra todo o ministério do Messias desde o início até o fim: em torno de Jesus se concentravam curiosos de todo o tipo, incluindo os fariseus e líderes judaicos, e os discípulos, aqueles que haviam se decidido claramente por aprender com Jesus e se tornarem seus aprendizes de tempo integral.¹ É essencial compreender que o sermão do monte é endereçado ao discípulo de Jesus e não ao curioso e ao interessado em Jesus, pois isso nos previne de interpretar as bem aventuranças como uma promessa de consolo ao mundo sofredor. Jesus não estava pregando a multidão e sim aos discípulos e portanto qualquer abordagem que ignore isso irá falhar.

A expressão “bem-aventurado” vem do termo grego “makarios”, que geralmente “descreve o homem que é singularmente favorecido por Deus, e por isso é ‘feliz’ em um dado sentido”.² Jesus deixa claro que os discípulos são bem aventurados a medida em que assumem a vida do Reino por meio das bem aventuranças, esse é o ponto da questão. Por mais que não nos deleite a ideia de ver nas bem aventuranças uma lista ética a qual devemos nos conformar, é justamente isso que ela é e neste sentido o início e o fim do sermão do monte falam sobre a mesma coisa: sobre encarnarmos a vida do Reino, sobre praticarmos os padrões de justiça da vida de Jesus em nossa vida (Mt 7.24-29). Dessa forma “as bem aventuranças [...] são descrições numa forma exclamatória das qualidades que devem ser encontradas, todas elas, e de fato o são, em vários graus, na vida dos que se submetem ao domínio soberano de Deus”.³

Logo, embora a maioria das bem aventuranças – com exceção apenas da primeira e da oitava – se cumpram totalmente no futuro, na redenção de todas as coisas, a promessa é de que experimentemos seu conforto e sua alegria a medida em que vivemos sob o governo de Cristo, debaixo da luz do Reino de Deus inaugurado por Jesus na cruz do Calvário. E como podemos então ler e interpretar as bem aventuranças? Seria necessário muitíssimo espaço para percorrer os vários sentidos de cada uma, mas podemos ter uma vislumbre do que elas significam.

O pobre de espírito significa reconhecer e assumir a própria fraqueza e debilidade espiritual, é confessar o quanto estamos longe do padrão de santidade do próprio Deus e assim assumir nossa dependência de sua graça.⁴

O “choro” referido por Jesus seria um estado de contrição gerado pela consciência de pecado e inadequação da primeira bem aventurança, é o quebrantamento sincero e pungente que envolve o coração do discípulo.

A humildade referida por Jesus seria então uma humildade horizontal, expressa em nossas relações com as pessoas, pois “são aqueles que se humilham diante de Deus por reconhecerem sua total dependência dele. Como consequência são gentis no trato com os outros”.⁵

O discípulo tem fome e sede de justiça, não só no sentido de que desejam ser justas em sua vida pessoal, como desejam ver a justiça de Deus na sociedade, nas relações, de forma desejam a justiça e lutam por um mundo mais justo.⁶ É outra bem aventurança que une o vertical e o horizontal de maneira esplêndida.

Jesus também deixa claro que o discípulo é misericordioso, pois coloca seu coração no sofrimento dos outros e compassivamente perdoa aqueles que lhe afligem. Dessa forma, ao exercer misericórdia sobre os outros o discípulo confirma que é alvo da misericórdia do próprio Eterno e assim se mantém sob sua misericórdia.

¹ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 128

² CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 131

³ TASKER, R.V.G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.48

⁴ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 132

⁵ TASKER, R.V.G. *Mateus: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980, p.48

⁶ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 134

Os puros de coração são pessoas que tem tanto seu exterior alinhados com a vontade de Deus, como seu interior: seus corações não abrigam a cobiça, o engano e a falsidade. Desta forma, Jesus está deixando claro que o discípulo do Reino não abraça a hipocrisia – fingir ser algo por fora que não somos por dentro – como estilo de vida.⁷

Em seguida, Jesus destaca que o discípulo não é apenas uma pessoa pacífica: ele é um pacificador, como destaca Carson.⁸ É alguém que trabalha ativamente para pacificar, reconciliar, se coloca no meio das relações para abençoar e trazer a paz.

Os versos 10 a 12 são na verdade uma bem aventurança só: se o discípulo de Cristo viver esse padrão de vida com Deus até aqui apresentado, com certeza sua vida será um confronto direto as pessoas ao redor e pouco a pouco ele se tornará odiado e perseguido. O discípulo de Jesus, apesar de ser alguém humilde no trato com as pessoas, justo, pacificador, cordato e misericordioso, sabe que receberá em troca desprezo, acusação, suspeição e ódio.

Dietrich Bonhoeffer pontuou: “ouviram o chamado de Jesus; então abandonando tudo, o seguiram. Desde então passaram a pertencer unicamente a Jesus [...] Exceto a Ele, nada possuem. Sim, e com Ele nada tem no mundo, nada! Mas tudo, tudo em Deus [...] Este chamado os tornara pobres, expostos e famintos. Jesus os declara bem aventurados, porém, não por serem carentes e por causa da renúncia. Nem carência nem renúncia são, por si só, causa de bem-aventurança. Porém, motivo suficiente é o chamado e a promessa em consequência dos quais os discípulos vivem em carência e renúncia”.⁹

Sal da terra e Luz do mundo

Costumamos ler o sermão do monte por meio de bloquinhos, mas e se conectarmos as coisas tendo em mente que este é um bloco só de ensino? Jesus promete bênçãos eternas aos discípulos que abraçaram a vida do Reino e reproduzem a vida de Jesus no início, deixando claro tanto o padrão de vida do Reino quanto as promessas e o resultado (oposição e perseguição). Em seguida, Jesus deixa claro que ao abraçarem um estilo de vida que reproduz sua vida, os discípulos se tornam uma luz no mundo, aplicando aos discípulos a profecia messiânica contida em Mateus 4.12-17: o Messias é a luz na escuridão, e quando os discípulos vivem como Jesus eles se tornam uma luz no mundo, pequenos Cristos a brilhar na escuridão.

Nesta passagem, Jesus utiliza dois elementos muito comuns para definir a missão dos discípulos e apresentar dois perigos. O primeiro elemento é o sal, com o qual Jesus constrói uma metáfora muito habilidosa, pois o sal no mundo antigo era derivado de charcos e continha muitas impurezas, o que poderia acarretar a dessalinização.¹⁰ No entanto, para que serviria um sal sem sabor? (v.13). Jesus faz uma referência ao sal que, perdendo a salinidade, era utilizado para cobrir lajes de casas com o fim de endurecer o chão e prevenir goteiras. Neste sentido, fica claro que o ponto da metáfora de Jesus é o uso do sal como condimento e fazendo assim, o Mestre deixa clara a missão do discípulo: oferecer um contraste, um sabor diferente, ao mundo.¹¹

Jesus deixa clara a missão e o perigo: tornar-se tão semelhante ao meio a ponto de perder o contraste, perder o poder de salgar. Dessa forma, o sal sem gosto mistura-se a comida e torna-se imperceptível e portanto, inútil! Jesus está deixando claro que embora estejamos no mundo, não somos do mundo e que se perdermos os traços distintivos que nos tornam semelhantes a Cristo e distintos do mundo, teremos perdido a missão.

Na segunda metáfora, Jesus corrige intencionalmente o movimento mais intuitivo, instintivo, de cristãos que não desejam perder o sabor: a retirada do mundo. Utilizando a luz como elemento central dessa metáfora, afirmando que somos a luz do mundo (v.14). Jesus primeiramente afirma que era impossível esconder uma cidade construída em um altiplano e a partir daí demonstra que a luz de uma lâmpada não deveria nunca ser posta debaixo da cama (v.15). A luz deve estar em lugar onde ilumine a todos, assim como a cidade está em um lugar onde é vista por todos.

Jesus deixa claro que o sentido de “luz” são as “boas obras”, que devem ser praticadas em frente aos homens, ou quase literalmente diante de seus rostos. Ou seja, Jesus combate a mentalidade de retirada na qual o cristão, por não ser do mundo, se isola na comunidade cristã e assim deixa de mostrar as boas obras diante dos homens para que eles glorifiquem ao Pai Celestial (v.16). Jesus está afirmando claramente: a nossa missão é no mundo, e portanto não devemos sair do mundo, adotar uma postura de fuga do mundo.

O Redentor une as duas metáforas de maneira sensacional: nós somos o contraste e um perigo é nos misturarmos demais a cultura que nos circunda, perdendo os traços de Cristo. O outro perigo é tentarmos evitar o mundo para não perdermos nossa identidade, mas isso nos impede de mostrarmos Cristo vivendo em nós ao mundo! Jesus deixa claro: o discipulado é uma constante tensão! Como podemos ser sal da terra e luz do mundo?

⁷ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 134

⁸ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 134

⁹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1980, p.57

¹⁰ CARSON, D. A.: Matthew. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Matthew, Mark, Luke*. vol. 8. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1984, p. 138

¹¹ KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Editora Atos, 2004 p.57